

# A linguagem poética na comunidade virtual: uma outra voz como alternativa para a linguagem e o pensar técnicos

*Poetic language in the virtual community: another voice as alternative to technical language and thinking*

Angela Maria Rubel Fanini<sup>1</sup>  
Guiosepphe Sandri Marques<sup>2</sup>

## Resumo

Neste artigo, trazemos alguns discursos já canônicos sobre as relações entre tecnologia e sociedade (Heidegger, Marcuse, Leroi-Gourhan, MacLuhan, Habermas, Jonas e Feenberg), apresentando as visões determinista, funcional, neutra, substancialista e histórico-crítica da técnica. Focamos a atenção mais pormenorizadamente nas ideias de Heidegger e Feenberg para propor a inserção da linguagem poética, meditativa e reflexiva na ágora virtual, a fim de reforçar um pensar menos técnico, imediatista, superficial e pouco engajado que impera nas redes sociais. Apostamos na figura dos educadores para incentivar uma discussão e uma problematização sobre tecnologia, linguagem e sociedade, com o objetivo de criar e expandir uma comunidade virtual mais democrática e plural, em que múltiplas vozes possam emergir.

**Palavras-chave:** Comunidade virtual. Democracia radical. Tecnologia e linguagem. Linguagem poética e reflexiva. Pluralidade de vozes.

## Abstract

In this paper classical ideas about the interactions between technology and society presented in the writings of some thinkers (Heidegger, Marcuse, Leroi-Gourhan, MacLuhan, Habermas, Jonas e Feenberg) are introduced to discuss the main perspectives through which technology is perceived. These theorists conceive technology in different ways (determinism, instrumentalism, substantivism and critical theory) that support this study. The research relies mainly on Heidegger and Feenberg's ideas about technology and language in order to propose the intervention of poetic and reflective language in the virtual community to reinforce other

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela UFSC, Professora da UTFPR, bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq.

<sup>2</sup> Doutorando em Tecnologia, UTFPR, bolsista do CNPq.  
Contato: rubel@utfpr.edu.br

type of knowledge, far from a too much technical, superficial and low engaged discourses that predominate in the social digital web. The discussion may enable other ways to treat and teach the possible intersections between technology and language. Professors and teachers may orient their classes about technology, language and society aiming to create and expand a virtual community more democratic and plural in which multiple voices can emerge and exist.

**Keywords:** Digital community. Radical democracy. Technology and language. Poetic and reflexive language. Plural voices.

Se é verdade que o homem, quer saiba ou não, encontra na linguagem a morada própria de sua presença, então uma experiência que façamos com a linguagem, haverá de nos tocar na articulação mais íntima de nossa presença.  
(HEIDEGGER, 2010, p.121)

## Introdução

Os estudos filosóficos, históricos e antropológicos sobre as implicações da tecnologia na sociedade são de data recente, aparecendo mais sistematicamente no século XX. Heidegger (2004, 2010, 2011), Marcuse (1979), Leroi-Gourhan (1964), MacLuhan (1969), Habermas (2009), Jonas (2006) e Feenberg (1999, 2015) são alguns dos autores que têm estabelecido importantes marcos teóricos sobre essa inter-relação. Seleccionamos esses autores porque se tornaram clássicos sobre a discussão entre tecnologia e sociedade nos séculos XX e XXI. Anteriormente a eles, há também outros, como Karl Marx (1986), que em *O Capital*, faz um estudo pormenorizado da Revolução Industrial e do advento da maquinaria, que alterou ideias, modos de vida e o cotidiano do trabalho, apresentando uma das mais importantes discussões sobre técnica e sociedade.

O discurso sobre a técnica também se encontra já na Idade Antiga, havendo muitos escritos relevantes, sobretudo entre os pensadores gregos. Citamos, a título de exemplificação, a tragédia *Prometeu acorrentado* de Ésquilo, que discute a emancipação humana a partir da técnica, da linguagem, da escrita, do fogo e de outras tecnologias. A metáfora de Prometeu desacorrentado pela técnica é bastante recorrente nas discussões sobre os perigos da tecnologia moderna. O discurso bíblico, bastante referenciado em nossa cultura, sobretudo em textos literários e filosóficos, é também fonte de saberes sobre o homem e as técnicas. Nele, ocorrem várias parábolas sobre a técnica e sua relação positiva ou nefasta para o homem. Nestes últimos discursos avulta, sobretudo, a

diferença entre a *physis* e a *poiesis*, aquela independente do homem, vinculada à natureza, e esta constituindo-se como produção humana exclusiva.

No século XXI, muitos discursos têm surgido – por exemplo, campanhas de intervenção política feitas pelos movimentos sociais contra o uso de agrotóxicos e transgênicos – sobre tecnologia e sociedade em decorrência do meio ambiente, bastante ameaçado pela técnica moderna. Avultam discursos sobre o poder de destruição da técnica contemporânea caudatária de um paradigma *baconiano* de domínio sobre a natureza. Nesse trajeto discursivo, temos que optar por alguns autores, mas cientes de que o universo de falas, teses, dissertações, ensaios sobre as articulações entre tecnologia e sociedade é bastante vasto e complexo.

Com o advento da robótica, da microeletrônica e dos sistemas de informação, principalmente a informática aplicada a redes de comunicação digital, os discursos sobre os impactos da tecnologia na sociedade têm crescido quantitativamente. Entretanto, discursos sobre os impactos da tecnologia digital na linguagem, sobretudo por um aspecto filosófico, não têm sido tão frequentes. São poucos os estudos nesse âmbito. Neste artigo, visamos a contribuir para essa discussão. O debate assume uma perspectiva interdisciplinar, uma vez que pretendemos pensar a linguagem a partir de um contexto tecnológico, ou seja, distante das teorias formalistas e lógicas sobre a linguagem. Tecnologia e linguagem são percebidas em seu caráter ontológico, ou seja, de formação do ser social, diferenciando o homem dos outros animais. Os autores referidos apresentam visões bastante díspares sobre o universo tecnológico. Determinismo tecnológico, pensamento tecnicista, sociedade tecnocrática, projeto nacional e emancipatório para as inovações tecnológicas importadas e radicalização democrática da tecnologia são discutidos por esses autores e podem, satisfatoriamente, dar suporte para a discussão sobre tecnologia, sociedade e linguagem, que é destaque neste artigo.

A tecnologia sempre esteve presente na vida social dos homens (pedra lascada, fogo, metal, agricultura, pecuária, habitação, escrita, imprensa, robótica, microeletrônica e comunicação digital são alguns feitos tecnológicos do ser humano), e cada época faz uma reflexão sobre essa realidade técnica, ora enaltecendo as inovações tecnológicas, ora desmerecendo-as, ora tomando-as como neutras, independentes da volição humana, ora dependentes e podendo ser alteradas no processo democrático. Para entender como ocorrem essas articulações, é necessário refletirmos sobre como esses intelectuais concebem e abordam essas interações. Em um primeiro momento, apresentamos neste artigo, de modo bastante sintético, como esses autores mais canônicos problematizam as

relações entre tecnologia e sociedade. Em um segundo momento, priorizaremos o pensamento de Heidegger (2004, 2010, 2011) no que tange às questões da linguagem técnica, da linguagem poética e da tecnologia, a fim de refletirmos sobre essa intrincada problemática. Também recuperaremos as contribuições de Feenberg (1999, 2015) no tocante ao uso democrático e plural das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), pensando em uma possível saída mais democrática para a ágora virtual<sup>3</sup>.

Heidegger e Marcuse (1979) apresentam visões parecidas sobre o universo tecnológico, enfatizando-lhe a substancialidade, ou seja, seu caráter poderoso de determinar a existência humana. Marcuse, orientado de Heidegger, propõe uma nova racionalidade não técnica para se fugir das determinações técnicas. O filósofo da Escola de Frankfurt também aposta no campo estético como uma possibilidade de reflexão acerca da condição humana de modo mais crítico, afastando-se de um pensamento unidimensional que tem imperado nas sociedades ocidentais dominadas por um tipo de racionalidade tecnicista e consumista. Heidegger será trabalhado mais verticalmente, uma vez que aborda a relação entre tecnologia e linguagem, apostando nesta como saída para uma dimensão técnica dominante e bastante determinística e redutora.

Leroi-Gourhan (1964), antropólogo de bases estruturalista-materiais, apresenta, em um texto que trata da história de longa duração do desenvolvimento do homem, os vários períodos de evolução humana e suas especificidades tecnoeconômicas, demonstrando que a inovação tecnológica sempre foi uma constante na história do homem. Da pré-história à contemporaneidade, Leroi-Gourhan vai narrando o surgimento de variadas soluções técnicas para atender a diferentes demandas sem, contudo, deixar de destacar as continuidades e os universais invariantes, a saber: a agricultura, o metal, a violência, o trabalho, a estratificação social e a inovação técnica. O autor destaca também a importância da linguagem como produção de interação e sociabilidade entre os homens, tão relevante quanto a técnica. MacLuhan (1969) é um apologista da técnica e a vê como possibilidade de emancipação humana, entretanto, despreza as implicações políticas do universo tecnológico em uma sociedade dividida em classes sociais. MacLuhan percebe que a tecnologia pode levar a uma *aldeia global*, suprimindo

---

<sup>3</sup> Esse termo ocorre no texto em diálogo com a cultura grega clássica em que a ágora era importante cenário de debate público para o fortalecimento da democracia. Atualizamos o termo, adjetivando-o com o vocábulo virtual a fim de o inserirmos no diálogo propiciado pelas TICs.

desigualdades culturais, mas pouco destaca sobre mudanças econômicas que poderiam desconcentrar os avanços técnicos que têm beneficiado apenas os mais favorecidos em nossa sociedade.

Para Habermas (2009), o mundo da tecnologia é já colonizado por um pensar técnico que serve ao sistema, neutralizando a capacidade humana de agir livremente. Somente a partir de uma outra racionalidade, a da comunicação entre sujeitos esclarecidos e propensos ao diálogo, é que se pode produzir outra tecnologia que não seja submetida aos imperativos do sistema capitalista que a tudo e a todos mercantiliza. Jonas (2006) propõe outra ética para a atual sociedade tecnológica, enfatizando o caráter deletério da técnica moderna, que mais traz desastres do que benefícios para o homem e o meio ambiente. Jonas sugere outra forma de agir em relação ao futuro, advogando por mudanças no universo da produção tecnológica, a fim de que o homem futuro, por vir, possa encontrar um planeta habitável. Feenberg (1999, 2015), professor de Filosofia, parte do estudo minucioso e crítico dos teóricos referidos e propõe uma democracia radical, em que as decisões tecnológicas sejam tomadas não por peritos exclusivamente, mas por um número cada vez maior da população. Esta deve, por intermédio de uma alfabetização digital e crítica, tomar decisões sobre o formato e o desenho técnico da sociedade em prol do ser humano, e não do capital e da produção, visando somente ao lucro de certos setores econômicos. É apologista das TICs, vendo nelas uma grande possibilidade de se instaurar uma autêntica e moderna ágora virtual para a tomada de posições políticas pelos cidadãos. Sua obra é relevante em si na medida em que Feenberg, partindo dos filósofos referidos, apresenta uma possível solução para os impasses técnicos.

De acordo com esses teóricos, podemos afirmar que há uma vinculação estreita e orgânica entre trabalho e tecnologia, pois os artefatos e serviços tecnológicos criados pelo homem são originários de sua capacidade de trabalho no anseio de produzir, reproduzir, manipular, dominar, ordenar e alterar o ambiente social e natural. Lendo a obra desses autores, vemos que, no tocante à tecnologia, há quatro perspectivas já consideradas clássicas, e cada uma delas traz implicações éticas e políticas diversas. A visão neutra e funcional encontra vários adeptos; entretanto, é bastante questionada pelos pensadores citados. Aqui, a tecnologia não é boa nem má, dependendo do uso que se faz dela – uma faca tanto pode partir o pão para uma celebração como ser usada para matar alguém, o seu uso é que leva a benefícios ou malefícios sociais. Pode-se revolucionar a sociedade politicamente e continuar empregando o mesmo sistema tecnológico de produção de bens, entretenimento e cultura.

As descobertas científicas e tecnológicas são inerentes ao sistema produtivo em eterna transformação, indeterminadas por fatores políticos, ideológicos ou culturais.

Nessa perspectiva, oblitera-se que a tecnologia é já uma forma, uma estratégia e um pensamento técnico que pode submeter os homens a um sistema dado, uma vez que esse sistema é neutro e apenas o seu uso é da alçada humana. Contrapondo-se a essa visão neutra, há visões substancialistas e deterministas em que predomina um entendimento de que a tecnologia constitui o ser humano, independentemente de sua volição. A tecnologia é entendida como um sistema social e cultural da modernidade que nos forma e enforma, assim como ocorria nas sociedades teocráticas, em que o homem se forjava a partir de um prisma religioso e místico. A sociedade moderna é tecnocrática, e essa estrutura molda o pensamento, a consciência e o ser humano. A história da tecnologia na era moderna constitui o sujeito moderno, ou seja, um sujeito tecnológico e tecnocrático. Nessa visão, predomina, não raras vezes, um mal-estar em relação à tecnologia que parece dominar e submeter todos a uma unidimensionalidade, a uma razão instrumental.

A partir desse mirante, a linguagem também é tomada por essa razão técnica, emergindo como linguagem técnica que, antes de emancipar o homem, aprisiona-o. Heidegger e Marcuse comungam em parte desse ponto de vista. Já a perspectiva histórico-crítica entende a tecnologia como uma práxis social, resultado de escolhas a partir do universo econômico, cultural e histórico. Sendo uma construção humana, pode ser alterada, modificada, suprimida e reorientada. O homem em sociedade constitui a tecnologia e é por ela constituído em um processo ininterrupto de vir a ser, no qual as contradições de classe, cultura, etnia e de histórias específicas estão presentes e são estruturantes. Nessa linha, entende-se a tecnologia em seu eterno devir, a partir da perspectiva de um sujeito também em transformação. Essa postura se distancia de uma “fetichização” da tecnologia, parafraseando a crítica de Marx (1986) à mercadoria e à falsa ideia de que seu valor é algo inerente, e não externo.

Para esses autores, sem dúvida, a tecnologia é uma vocação humana, existindo sempre que o homem necessite enfrentar a natureza e as intempéries para sobreviver. Da pedra lascada aos alimentos geneticamente modificados, é sempre o homem tentando dominar o seu entorno para fugir da morte e das atribulações que a *physis* a ele reserva. A tecnologia assume, portanto, um caráter ontológico e constituinte do ser humano. Sem a tecnologia, o homem não existe e não reproduz ou altera a sua existência. Entretanto, podemos também destacar

o caráter central e constituinte da linguagem, visto que sem ela o ser humano não poderia se comunicar com os outros, impossibilitando a produção social de qualquer aparato técnico. Nesse sentido, a linguagem é também ontológica e constitui o ser social, assim como a tecnologia. É esse caminho que trilhamos neste artigo, discutindo a centralidade da linguagem e da tecnologia como constituintes do ser social, diferenciando-nos dos demais animais. A mediação entre o homem e as coisas é dada tanto pela tecnologia quanto pela linguagem. Não só produzimos artefatos e objetos técnicos, imperando o *homo faber*, como também falamos, dissertamos, poetizamos, narramos sobre fatos, coisas e eventos uns para os outros, constituindo-nos também como *homo symbolicus*. A linguagem e a tecnologia, desse modo, são tomadas como formas de se relacionar com o mundo. Nessa dimensão, acompanharemos mais de perto o filósofo Heidegger, saudosista da técnica artesanal, crítico da técnica moderna e da linguagem técnica colonizada por esta e entusiasta da linguagem poética e reflexiva, que pode fazer o ser humano pensar mais meditativamente do que tem feito. Também nos ateremos a Feenberg, a fim de pensarmos de modo mais plural os discursos na internet e como podemos constituir uma comunidade virtual mais democrática.

### **Martin Heidegger e a saída do saber tecnicista pela via da linguagem poética**

A reflexão de Heidegger sobre as relações entre a técnica e o ser humano apresenta uma possibilidade bastante substantiva de problematizar a interação entre tecnologia e linguagem. A discussão heideggeriana sobre essas interações destaca a longa história de formação do homem ocidental, enredado em um pensamento calculístico em que se procura cada vez mais o controle sobre todos e tudo. Essa vontade de poder sobre as coisas se exacerbou nos dois últimos séculos em uma sociedade na qual se intensifica a criação de aparelhos e artefatos tecnológicos que procuram controlar o homem e seu entorno. Essa vontade de controle se dá a partir, inclusive, de uma linguagem técnica que visa a denominar, nomear, classificar e discriminar o mundo, a fim de se apossar dele, objetificando-o e apaziguando-o. Esse pensamento maquinístico anseia por se apoderar de tudo, gerando uma sociedade tecnocrática mundial em que a taxinomia linguística é o caminho para a descrição e definição de tudo à imagem do homem. Impera, pois, uma metafísica da representação, em que tudo é dado como imagem controlada e construída a partir desse linguajar e atitude técnicos.

Esse aprisionamento do homem ocidental nesse horizonte tem se exacerbado, e isso tem gerado o afastamento do homem de um outro tipo de pensamento, denominado de reflexivo e poético, no qual não se procura a objetificação das coisas. Para esse outro olhar, a relação entre as palavras e as coisas é menos redutora, permitindo que as coisas, os eventos e o outro possam emergir sem, contudo, serem definidos e denominados por completo pelas reduções a conceitos precisos e exatos. No império do pensamento calculístico, a linguagem já não é a “morada do ser”, mas se acha tomada por uma razão tecnicista que representa os seres encapsulados em certas definições que os limitam. Longe se está de um pensamento reflexivo que ousa entender coisas, pessoas e fatos fora do paradigma maquinístico. Heidegger trabalha com a noção de *aletheia*<sup>4</sup>, destacando que ao referente deve ser dada a possibilidade de emergir, apresentando-se de um modo diferente da representação objetificante. Essa possibilidade de uma outra visão e apresentação só se viabiliza a partir de outra matriz discursiva em que impera o pensamento reflexivo. Heidegger deposita esperança na linguagem poética como uma alternativa para se escapar do pensamento calculístico, por entender que ela possibilita a atitude reflexiva, longe da vontade de poder e controle sobre o mundo. Embasando-se nessa perspectiva crítica sobre o pensar técnico e seu contrário, ou seja, o pensamento reflexivo via linguagem poética, objetivamos discutir como a ágora virtual pode ser fonte de emancipação à medida que o discurso poético a tem habitado, abrindo caminhos para que seus leitores passem da condição de meros usuários a cidadãos mais reflexivos sobre si mesmos e sobre a sociedade em que vivem.

Sabe-se que Heidegger se opõe principalmente à técnica moderna, em virtude de escrever sua obra em um período de avanço das tecnologias de guerra, da bomba atômica e das experiências nazistas nas áreas da Genética e da Biologia, que usavam cobaias humanas. Em um período tão perigoso tecnologicamente para o ser humano, a sua obra é também fruto de seu tempo. O filósofo alemão é crítico de uma certa técnica que domina o ser humano, descobrindo este como aquele que deseja tudo controlar de modo racional e mecanicista. Para fugir da técnica determinista e substantiva que aprisiona o homem em um pensar e falar técnicos, Heidegger propõe a recuperação de um

---

4 O termo *aletheia*, o pensador alemão toma de Heráclito, introduzindo-o como apresentação e desocultamento da coisa em contraposição à Metafísica Ocidental do discurso representacional que de forma tecnicista diz a coisa, conformando-a a uma dada definição reducionista.

pensamento reflexivo a partir de uma linguagem poética. Ele vê que a essência da técnica é o desocultamento, ou seja, a partir da técnica o homem descobre um barco de uma árvore, uma espada de um metal, uma pintura de um campo de girassóis. Entretanto, a técnica moderna traz a lúmen tudo e todos para a disponibilidade e para o recurso, de modo unidimensional, ou seja, o campo de girassóis será descoberto tão somente para gerar óleo a ser comercializado, o rio será descoberto só para gerar energia para as turbinas de uma hidrelétrica. A esse desvelar para o recurso também corresponde uma linguagem técnica que a tudo descobre do mesmo modo, sempre com o fito da disponibilidade e recurso para a produção. Todavia, a linguagem não técnica pode desocultar uma flor, um rio, uma montanha e um pássaro para serem admirados, e não necessariamente para serem usados. Aí, sim, podemos fazer uma experiência outra com a linguagem que desvela de outra forma o ser humano, menos calculística e racional. Entre a técnica antiga, artesanal, fiel protetora da terra, e a moderna, usurpadora da natureza, há um estreitamento do desvelamento, como afirma o pensador:

A terra se des-encobre, neste caso (técnica moderna), depósito de carvão e o solo, jazida de minérios. Era outro o lavrador que o lavrador dispunha outrora, quando dispor ainda significava lavar, isto é, cuidar, cultivar e proteger. A lava do lavrador não desafiava o lavradio. Na semeadura, apenas confiava a semente às forças do crescimento, encobrimdo-a para seu desenvolvimento. Hoje em dia, uma outra posição também absorveu a lava do campo, a saber, a posição que dispõe da natureza. E dela dispõe no sentido de uma exploração. A agricultura tornou-se indústria motorizada de alimentação. Dispõe-se o ar a fornecer azoto, o solo a fornecer minério, como, por exemplo, urânio, o urânio a fornecer energia atômica; esta pode, então, ser desintegrada para a destruição da guerra ou para fins pacíficos. (HEIDEGGER, 2010, p. 19).

Todavia, Heidegger, embora critique a técnica moderna, não a demoniza, pois sabe dos benefícios advindos dos aparatos técnicos para a existência humana. Não advoga um retorno à técnica antiga, mas vê o perigo de que o homem seja dominado por um pensamento único, e assim encontra a saída em um pensar e uma linguagem menos unidimensionais. A linguagem poética desvela o homem e os seres a partir de outra perspectiva, que nos salva do pensar tecnicista predominante. Pensemos em como o pintor Van Gogh desoculta um campo de girassóis em sua memorável tela, e como Fernando Pessoa descobre

o rio de sua aldeia em um bellissimo poema. Girassóis e rio vigem não como um recurso e uma disponibilidade para o capital ou para a produção tão somente. Outros dizeres os definem, narram, denominam, poetizam.

O filósofo não viveu no tempo da comunicação digital e, provavelmente, se o tivesse experienciado, seria seu crítico, pois para ele a técnica moderna é já um pensamento técnico. Entretanto, o pensador não é um antagonista da técnica. Ele enxerga a possibilidade de se refletir sobre ela e, nessa reflexão, encontrar uma saída. Lá, onde tudo parece perdido, pode-se trazer à luz algo que salva. Nesse caminhar do pensamento, acreditamos que a linguagem poética e reflexiva pode, sim, voltar a ser mais lida e mais experienciada a partir dos meios digitais de comunicação.

Podem parecer estranho que advogemos uma saída técnica para um pensar reflexivo na medida em que o sistema técnico já determina como usá-lo, sendo, portanto, limitado o seu uso mais plural e democrático. É indiscutível que a ágora virtual se constitui como um sistema vinculado ao sujeito pós-moderno, que já não tem mais tempo para ler e longas narrativas e, assim sendo, o seu discurso nesse cenário é uma fala bastante comprimida, rápida, muitas vezes sem profundidade, uma vez que ela é momentânea, episódica, tornando-se rapidamente obsoleta em decorrência das inúmeras postagens diárias que circulam na ágora virtual.

Em sintonia com essas características do sujeito fragmentado e pós-moderno, temos também a discussão feita há algum tempo por vários sociólogos em torno da obsolescência programada e imediata como um sintoma da contemporaneidade. A linguagem também é atingida por essa obsolescência programada e imediata, sendo experimentada, sobretudo na comunicação digital, de maneira superficial, rápida e sem compromisso com um pensar mais vagaroso e meditativo. As falas, reflexões e interlocuções na ágora virtual, em especial no Facebook, são intervenções discursivas curtas, pois se o *post* é muito longo, a maioria de seus leitores e visualizadores descarta-o sem ler ou refletir. O máximo que ocorre é o usuário *curtir* ou emitir um breve comentário sobre o *post*. Como, então, é possível haver, nesse cenário digital das redes sociais, já dado em sua ligeireza de pensamento, um falar e um pronunciar mais reflexivos, mais meditativos, a fim de se resgatar, como advoga Heidegger, uma postura menos técnica, menos objetificante? A linguagem poética, de orientação sintética, pode ser uma saída, uma vez que nela encontramos um dizer comprimido, mas que pode propiciar a reflexão. Ela não precisa ser extensa, descritiva, didática, pormenorizada, mas se apresentar via redução estrutural, propiciando uma

síntese que pode levar a uma reflexão menos técnica no sentido objetificante. Importante destacarmos que a linguagem poética aqui não se refere a um gênero discursivo poético, constituído de versos apenas, mas como Heidegger a concebe, ou seja, uma linguagem que leva à reflexão, distante do pensar técnico que objetiva definir precisamente o mundo.

Atualmente, vemos que há nas redes sociais muitos poetas e prosadores que apresentam a sua obra a partir de *blogs*, *posts* no Facebook e páginas pessoais, demonstrando que a linguagem poética tem se apossado dessa técnica moderna de comunicação a fim de vir a lúmen. Esse espaço propicia a inclusão de uma outra voz que pode ser, inclusive, levada para a sala de aula, objetivando que professor e aluno comunguem de uma outra linguagem que não aquela que se apresenta por uma dada racionalidade técnica a partir de *posts* muito breves e efêmeros. Cientes estamos de que muito provavelmente o acesso a essas postagens de discursos mais reflexivos em sítios específicos terá um alcance limitado, diferente de outros sítios em que a publicidade de bens e serviços de grandes marcas do mercado são recorrentes. Entretanto, aí entra o papel da escola e da família. Educadores e pais dessa criança, desse adolescente ou desse jovem devem propiciar a visualização e experimentação dessas outras vozes digitais, a fim de levar o outro e a si mesmo a se expor a outros discursos mais reflexivos, mais meditativos. A ágora virtual pode ser usada como uma força de ilustração e emancipação e, para tanto, os jovens e adultos devem estar preparados cultural e politicamente para fazer um uso da tecnologia da informação em um outro sentido, ou seja, em um sentido diverso do *mainstream*.

Como conseguir essa proeza? Somente a partir de um filosofar sobre a técnica, a tecnologia, a sociedade e a linguagem. Para isso, nós, educadores, precisamos com urgência nos aproximar da comunicação digital sem demonizá-la, cientes de seus perigos, mas tentando utilizá-la a favor de um pensar que não seja autoritário, monológico e objetificante. Enfatizamos que o caminho ainda é a leitura de bons pensadores, ainda mais atualmente, quando suas obras estão alocadas nas redes sociais. Temos que utilizar esse suporte a nosso favor, ou seja, na construção de um saber de reflexão que contribua para questões da sociedade, sejam elas nos campos artístico-cultural, teórico-político ou tecnológico. A ágora virtual, dentro do universo das redes sociais, abriga, com certeza, múltiplos falares, e o acesso a eles vai depender do repertório cultural de cada um. O educador tem como papel fundamental mostrar essa outra dimensão discursiva que habita as redes sociais.

Nesse cenário, o meio termo ainda é o melhor a ser alcançado, ou seja, devemos nos afastar de uma postura tecnofóbica, que enxerga na comunicação digital apenas os contatos virtuais e a promoção de uma comunicação muito rasteira, superficial e imediatista. Mas também devemos nos acautelar em nos tornarmos tecnófilos, ou seja, professarmos uma fé totalmente otimista em relação às redes sociais, desmerecendo formas tradicionais de comunicação em que as pessoas se confrontam diretamente no concreto de suas existências. Acreditamos que a utilização das redes sociais com o objetivo de se criar e postar uma linguagem que leve à reflexão e à ação pode ser uma saída possível para esses contatos muito superficiais e virtuais via rede de computadores. Partindo de um mirante mais filosófico e materialista para entender a linguagem, percebemos que isso é possível, pois a linguagem propicia a ação, a formação de identidades e o embate de ideias e valores. Ela é um agir humano essencialmente social, ou seja, dá-se no intersubjetivo. À medida que nós, internautas, expomo-nos a discursos menos fechados, menos monológicos e menos objetificantes, podemos refletir sobre essas mesmas falas monológicas e autoritárias, e essa reflexão pode propiciar uma mudança de comportamento social, alterando a práxis social também. Apostar nessa solução pode ser uma saída para o cenário estreito que temos vivido na internet, em que predominam as falas momentâneas, episódicas e superficiais, advindas de sujeitos que têm pouca responsabilidade pelo que dizem, pois ali entram e saem muitas vezes travestidos, com personalidades forjadas e fictícias.

### **Andrew Feenberg e a comunidade virtual como saída para o saber técnico dos peritos**

Feenberg tem feito uma análise apurada e crítica do pensamento dos autores citados, já consagrados no campo Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), apresentando as múltiplas visões sobre a tecnologia, que consistem em parâmetros substancialistas, deterministas e de neutralidade. A obra desse filósofo tem nos auxiliado bastante para compreender as variadas visões sobre o desenvolvimento tecnológico e suas influências nos processos sociais e culturais da contemporaneidade. Feenberg vê positivamente o uso das TICs em uma sociedade em que não só os peritos técnicos a dominem:

People affected by technological change sometimes protest or innovate in ways that promise greater participation and democratic control in the future. Where it used to be possible

to silence all opposition to technical projects by appealing to progress, today communities mobilize to make their wishes known, for example, in opposition to nuclear power plants in their neighborhood. In a rather different way the computer has involved us in technology so intimately that our activities have begun to shape its development. Consider that email on the Internet was introduced by skilled users and did not originally figure in the plans of the designers at all. Yet today email is the most used function of the Internet and one of the most important contributions of the computer to our lives. I could show you similar examples from medicine, urban affairs, and so on. Each one seems a small matter but perhaps all together they are significant. (FEENBERG, s/p, 1999).

O Brasil, embora tenha um mercado editorial consistente, apresenta também um déficit de leitura muito grande. Há inúmeras pesquisas sobre esse assunto que podem ser acessadas facilmente na rede. Cotidianamente, o que vemos predominar nas escolas é o uso das redes sociais como forma de comunicação escrita e visual – principalmente em celulares, *laptops* e afins –, em vez da leitura dos escritores clássicos na forma de livro material. A internet, como já referenciado, pode, então, ser uma fonte de acesso a esses escritores, diversificando o universo cultural de nosso aluno. Muitos poetas, escritores e jornalistas têm se utilizado da rede virtual para se manifestar, e geralmente têm conseguido adeptos. Se dependessem do mercado editorial, que não raras vezes é marcadamente determinado por interesses econômicos e políticos, dificilmente teriam a possibilidade de veicular suas vozes. A internet amplia a possibilidade de diálogo e de formar uma comunidade virtual mais democrática e ampla. Poder postar a sua fala na ágora virtual é uma forma de checá-la publicamente, recebendo críticas, comentários positivos, tendo, enfim, acesso ao discurso do outro sobre si. Essa exposição ao outro, muitas vezes imprevisível, possibilita o princípio do contraditório, da eterna agonística, afastando-se do discurso autoritário e monológico.

O embate discursivo na ágora virtual possibilita a publicidade do discurso de modo mais democrático do que os meios mais tradicionais de edição, cujas regras são mais restritivas e uniformizadas. A relação autor-leitor em suporte digital é também diferenciada, pois como há a possibilidade de conexão imediata e direta entre eles, via *chats* e *messengers*, cria-se uma proximidade bastante salutar, em que o diálogo em consenso ou contrassenso pode emergir entre os sujeitos da escrita e da leitura. Invertem-se os papéis e o escritor vira também

um leitor de sua obra a partir dos comentários de seus leitores. O leitor, por sua vez, também se torna autor de um discurso crítico, exercendo sua capacidade de comentário. A proximidade entre leitor e autor, quando pertencem à mesma temporalidade, neutraliza o distanciamento, típico de outros suportes, como o livro material. Eles podem entrar em uma zona de contato mais imediata, promovendo uma certa carnavalização da linguagem, em que cada um é trazido para o espaço do outro, através da linguagem.

O distanciamento, que não raras vezes promove a canonização e a ideia de que o escritor é inatingível, tende a ser neutralizado. Autor e leitor se encontram na ágora virtual de modo talvez mais íntimo e pessoal. É fato que essa aproximação pode trazer consigo uma crítica muito apressada, muito intempestiva, pouco acadêmica, mas é um discurso vivo da ideologia do cotidiano<sup>5</sup> entre pessoas não franqueadas pela academia. Fora desta, podem publicar suas falas, e estas obtêm respostas. A zona de vizinhança propiciada por esse meio digital apresenta inúmeros benefícios, pois o discurso se democratiza, não sendo tão interdito como é comum sê-lo, pois nem todos podem falar nas instituições mais tradicionais. As falas na internet expressam com bastante preponderância essa ideologia do cotidiano das pessoas que ali adentram várias vezes ao dia. Uma atitude não preconceituosa diante dessas falas é muito salutar, pois aí também se podem perceber as variações sociais e de sentidos dos diversos discursos postados. As falas, as postagens, as mensagens e os comentários podem se pautar por cenários fictícios, mas a linguagem revela o ser. Ninguém consegue se esconder o tempo todo na linguagem, forjando um ser que não é.

Desse modo, tudo o que postamos revela a nossa identidade, quer queiramos ou não, se acreditarmos que a linguagem é ontológica e constituinte do ser social. Heidegger e Bakhtin (1997), salvaguardadas as devidas diferenças, asseveram que a linguagem não é um mero instrumento do qual me valho para comunicar algo e, assim, moldo-a da maneira que desejo. A linguagem nos fala,

---

<sup>5</sup> Aqui, tomamos o termo *ideologia do cotidiano* de Bakhtin (1997), para quem os discursos, as falas e os pronunciamentos do dia a dia são mais importantes que os discursos já cristalizados nas ideologias oficiais, pois ainda não se cristalizaram, sendo dominados por forças centrípetas que os mantêm mais estáveis. No dia a dia, as falas são muito mais instáveis e vivem sob a égide de forças centrífugas que as mantêm pouco fossilizadas, menos oficiosas. São emitidas no embate entre homens reais e concretos em suas lidas cotidianas e por isso indicam com muita propriedade as mudanças sociais, econômicas e culturais vivenciadas na vida real.

e é nela que me constituo enquanto sujeito, em ininterrupta interação social. Desse modo, a questão dos discursos fictícios e da “irrealidade virtual” em que os sujeitos se escondem pode ser vista sob outro prisma, ou seja, a linguagem revela o ser que nela se constitui e emerge. Acompanhando Heidegger:

Na fala, os que falam se fazem vigentes. Como assim? Eles se fazem vigentes para aquilo e para aqueles com quem falam, onde eles se demoram, para o que a cada vez desse modo lhes diz respeito. Em jogo estão os outros seres humanos e as coisas, tudo o que os condiciona e determina. (HEIDEGGER, 2011, p. 200).

Outro benefício do suporte digital na ágora virtual é a sua propagação discursiva, uma vez que, com a microeletrônica, ocorre uma compressão do espaço e do tempo, assim, o texto postado pode atingir um espaço bastante extenso em um curto período de tempo. Muitos podem partilhar as postagens, e esse texto mais crítico, mais reflexivo, tem certamente um alcance maior, sendo compartilhado por muitos nas redes sociais. Para uma perspectiva elitista, talvez cause horror o fato de que muitos podem se apossar da linguagem erudita, destinada para poucos, e usá-la em uma perspectiva mais democrática e aberta à reflexão. Em síntese, percebemos que as redes sociais podem propiciar um aumento de público para textos poéticos, reflexivos e literários.

Certamente que os críticos, ou seja, os apocalípticos da internet, veem essa saída a partir de um mirante bem pessimista, asseverando que a linguagem mais reflexiva e poética, dada na comunidade virtual, vai se conformar à lógica do imediatismo e será percebida de modo superficial, como mais um discurso em meio a tantos, sendo determinada pelas armadilhas técnicas do sistema. A tecnologia é vista, sob essa ótica, como substancialista e determinista, não permitindo nenhuma possibilidade de uso diferenciado e reflexivo. Já os integrados, parafraseando Eco (2006), apostam, às vezes de modo ingênuo, nesse novo uso da comunidade virtual, destacando somente o lado positivo e libertador, que se aproxima do uso neutro e instrumental da tecnologia, esquecendo-se de seu poder de determinação. Nosso caminho tem sido de nos aproximarmos de Heidegger e com ele fazer uma discussão mais verticalizada sobre os perigos e benefícios da tecnologia, e assim procurarmos, a partir de uma experiência fenomenológica com a linguagem, uma saída na linguagem poética e reflexiva para esses impasses. Também acompanhamos Feenberg, que é esperançoso em termos da apropriação democrática e radical das redes sociais

de comunicação, para incluir cada vez mais os cidadãos nos embates discursivos sobre os destinos e rumos da cidade, do planeta, da tecnologia e da sociedade.

## Considerações finais

Neste artigo, trouxemos uma pequena amostra discursiva sobre as inter-relações entre tecnologia e sociedade, baseando-se, sobretudo, em nomes de teóricos que se debruçaram sobre essa problemática nos séculos XX e XXI. Não houve espaço para pormenorizar e verticalizar o pensamento dos estudiosos aqui referidos, mas se fazia mister mencioná-los, pois é impossível ir ao objeto de estudo – tecnologia, sociedade e linguagem – sem trazê-los para a discussão. O objeto já se acha discursado, narrado, falado e problematizado por esses autores canônicos no campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Nosso estudo também focou as obras de Heidegger e de Feenberg, cujos pensamentos apontam para uma saída através da linguagem, considerada central e ontológica para a condição humana.

O filósofo alemão aposta na linguagem poética e reflexiva para enfrentar um mundo cada vez mais técnico e calculístico. Demonstramos que isso é possível se utilizarmos a internet a nosso favor, levando nossos educandos, amigos e filhos a perceber uma linguagem presente na ágora virtual, a qual se distancia e diferencia da maioria dos discursos curtos e superficiais que geralmente compartilhamos. Caminhamos também com Feenberg, propondo que a ágora virtual seja cada vez mais habitada por nós, a fim de ampliar o seu acesso e também para que ela possa ser uma plataforma digital que ultrapasse a liquidez, o imediatismo e o passo aligeirado e superficial da maioria dos *posts* e mensagens, reformatando esse cenário, para que se possa exercer uma atitude mais democrática e polifônica, em que mais pessoas venham a usufruir das TICs.

Afastamo-nos dos integrados e dos apocalípticos, dos tecnofóbicos e dos tecnófilos, pois a técnica deve ser pensada na medida do humano e para o humano, distanciando-nos de uma visão meramente operacional, instrumental ou neutra da técnica. As redes sociais são espaços de sociabilidade importantes e devemos lutar para que seja possível, nesses espaços, não só nos informar, mas também nos formar, constituindo-nos como sujeitos em relações intersubjetivas, em que uma linguagem mais reflexiva, meditativa e poética possa nos habitar e nos fazer perceber que a linguagem técnica e de cálculo é um discurso relevante, mas não é exclusivo. A linguagem poética é a morada do ser, como bem assevera Heidegger, e precisamos reforçá-la, divulgá-la e aproximá-la de todos que têm acesso às redes sociais.

Por fim, distanciando-nos dos críticos acirrados em relação à comunidade virtual, acreditamos que não há uma dicotomia irreparável entre o mundo *online* e o mundo *offline*. A comunidade virtual não transcende automaticamente o real de nossas existências, pois nossa linguagem nos forma e institui a partir de valores herdados dentro de uma episteme de longa duração, como também é fruto de nossas relações concretas do dia a dia, e é com ela que adentramos a ágora virtual. Daí o porquê de investirmos em uma linguagem que leve à reflexão, inclusive, sobre as tecnologias digitais, como neste artigo nos propomos, ao acolher a proposta do periódico ao qual pleiteamos publicação.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUARTE, André. Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro. *Nat. hum.*, São Paulo, v.7, n.1, jun. 2005. Disponível em: <<http://philpapers.org/rec/DUAHEA>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

ECO, HUMBERTO. *Apocalípticos e integrados*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*. Disponível em: < [www.oficinadeteatro.com](http://www.oficinadeteatro.com).> Acesso em: 15 mar. 2015.

FEENBERG, Andrew. Do essencialismo ao construtivismo: A filosofia da tecnologia numa encruzilhada. Trad. de Newton Ramos de Oliveira. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/260983394\\_Do\\_essencialismo\\_ao\\_construtivismo\\_A\\_filosofia\\_da\\_tecnologia\\_numa\\_encruzilhada](https://www.researchgate.net/publication/260983394_Do_essencialismo_ao_construtivismo_A_filosofia_da_tecnologia_numa_encruzilhada)>. Acesso em: 15 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. *Questioning technology*. Londres: Routledge, 1999.

HABERMAS, Jürgen. *Técnica e ciência como ideologias*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ensaios e conferências*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. *A caminho da linguagem*. 5. ed. Editora Vozes: Petrópolis, 2011.

LEROI-GOURHAN, André. *O gesto e a palavra: técnica e linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1964.

JONAS, Hans. *O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006.

MACLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

MARCUSE, Herbert. *Ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MARX, Karl. *O capital*. Revisão Paul Singer. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1986.

RUDIGER, Francisco. *Elementos para a crítica da cibercultura*. São Paulo: Hacker editores, 2002.

RUDIGER, Francisco. *Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

**Recebido em:** 21/02/2016

**Aprovado em:** 22/04/2016